

## INTER-LEGERE

---

J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E  
IMAGINAÇÃO

Evaneide Maria de Melo  
Francyjonison Custodio do Nascimento

### J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E IMAGINAÇÃO

#### *J. R. R. TOLKIEN, THE 24-HOUR MAN: SCIENCE AND IMAGINATION*

Evaneide Maria de Melo<sup>1</sup>

Francyjonison Custodio do Nascimento<sup>2</sup>

#### RESUMO

Para Gaston Bachelard, o homem, grosso modo, possui uma “vida dupla”. Assim sendo, o homem é “uni-dual” e pode-se contemplar nesse homem duas faces: a diurna e a noturna. A primeira encontra-se vinculada ao materialismo científico, enquanto a segunda possui relações com o materialismo imaginário. Delineia-se, portanto, o homem das vinte quatro horas aquele que percorre, concomitantemente, a via onírica e a via intelectual, a poesia e a ciência. Partindo desse pressuposto, este artigo tem como objetivo analisar como a obra de John Ronald Reuel Tolkien (03/01/1892 – 02/09/1973), considerada pertencente ao gênero da Literatura Fantástica, além de estar imbuída de um discurso contra-hegemônico, revela o homem noturno, indissociado do homem diurno. Para tanto, fez-se uso de levantamentos bibliográficos com um arcabouço teórico que compõe as discussões a respeito da filosofia bachelardiana e suas duas vias, sobretudo a imaginação material, bem como de aspectos da literatura tolkieniana e seu visível teor contra-hegemônico. Em consonância com esta última, investigam-se os conceitos de *consolo*, *eucatástrofe* e *escape*, desvelando a crítica tolkieniana à modernidade, à ciência moderna e, sobretudo, ao ideário positivista de que o progresso industrial e “científico” está associado ao progresso social e humano. Essa crítica está presente na literatura tolkieniana e em outros escritos de sua autoria. Elucida-se, por fim, a indissociabilidade do filólogo e do escritor-criador, do homem noturno e do homem diurno em Tolkien, e encontra-se a “perfeita simbiose” bachelardiana, uma harmonização que tende a findar na “antropologia completa”.

**Palavras-chave:** Gaston Bachelard. J. R. R. Tolkien. Literatura. Homem das 24 horas.

#### ABSTRACT

For Gaston Bachelard, the man has a “double nature”. It is contemplated in man two faces: “diurnal” and “nocturnal”. The first is linked to scientific materialism while the second has relations with the imaginary materialism. Outlining, therefore, 24-hour man, one that runs concurrently, the dream route and intellectual means, poetry and science. Based on this assumption, this article aims to analyze how the work of John Ronald Reuel Tolkien

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Sociais (UFRN). E-mail: evaneide.melo@ifrn.edu.br

<sup>2</sup> Graduado em Geografia (IFRN). E-mail: f\_jonison@yahoo.com.br

## INTER-LEGERE

---

### J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E IMAGINAÇÃO

Evaneide Maria de Melo  
Francyjonison Custodio do Nascimento

(03/01/1892 – 09/02/1973), considered to belong to the genre of Fantastic Literature, and be imbued with a speech against hegemonic, reveals the man diurnal, attached to the man nocturnal. Therefore, it was made use of bibliographic with a theoretical framework that makes up the discussions of Bachelard's philosophy and his two pathways, especially the imagination material as well as on aspects of Tolkien's literature and its content visible counter-hegemonic. In line with the latter, investigates the comfort of consolation, eucatastrophe and escape, unveiling the Tolkien's critique of modernity, modern science and, above all, the positivist thinking that industrial progress and "scientific" is associated with social progress and human. This critique that is present in Tolkien's literature and other writings of his own. Elucidated, finally, the inseparability of the philologist and writer-creator, man diurnal and man nocturnal in Tolkien; is therefore the Bachelard's perfect "symbiosis", harmonization tends ending in "complete anthropology".

**Keywords:** Gaston Bachelard. J. R. R. Tolkien. Literature. 24-hour man.

### INTRODUÇÃO

A visão bachelardiana concebe o homem em duas faces: a diurna e a noturna. A primeira face encontra-se vinculada ao materialismo científico, enquanto a segunda possui relações com o materialismo imaginário. Delineia-se, portanto, o homem das vinte e quatro horas aquele que percorre, concomitantemente, a via onírica e a via intelectual, a poesia – ou, genericamente, a arte – e a ciência, tendo em vista que “o saber racional e a criação poética não são excludentes. Embora opostos em determinadas instâncias, vão se encontrar no momento da imaginação criadora” (SIMÕES, 1999, p. 11).

Como há uma indissociabilidade entre a via intelectual e a via onírica, existe também uma diferença entre elas. A primeira reside no homem diurno, aquele que se utiliza, primordialmente, da razão e faz dela uma ferramenta, vivendo em *animus*. A segunda, por sua vez, é protagonizada pelo devaneio poético, pelo poder da imaginação criadora, sendo no homem noturno que ela faz sua morada, uma vez que este vive em *anima* (BACHELARD, 2006).

O homem das vinte e quatro horas é, portanto, andrógono e vive doze horas em *anima* e outras doze em *animus*, isto é, parte do tempo na imaginação poética e a outra no materialismo científico.

## INTER-LEGERE

---

### J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E IMAGINAÇÃO

Evaneide Maria de Melo  
Francyjonison Custodio do Nascimento

Assim sendo, Bachelard, na ciência e na poesia, busca um elo entre o mundo e o homem. Tal elo é concebido no homem *diurno* e suas respectivas construções racionais e no *homem noturno* e sua imaginação criadora.

Busca-se neste trabalho encontrar esse caráter andrógono em J. R. R. Tolkien, um filólogo nascido no século XIX que ficou mundialmente famoso por suas obras de cunho fantástico, tais como *O hobbit* e *O Senhor dos Anéis*. Objetiva-se, nesse sentido, traçar um paralelo entre as ideias e as criações de Bachelard e Tolkien, elucidando, assim, a imagem do homem das vinte e quatro horas, a do filólogo e a do escritor-criador, do homem noturno e do homem diurno em Tolkien.

Nessa perspectiva, busca-se explicar os pensamentos e devaneios bachelardianos acerca da imaginação, da criação poética. Contudo, antes de discorrer sobre a imaginação material e outros aspectos da fenomenologia bachelardiana, urge tratar de forma pormenorizada a respeito da teoria literária de Tolkien, bem como da sua biografia. Desse modo, pode-se chegar ao teor andrógono do filólogo em questão.

### J. R. R. TOLKIEN: UM HOMEM EM ANIMA E ANIMUS

J. R. R. Tolkien nasceu na data de 3 de janeiro de 1892, em Bloemfontein, na África do Sul, quando esta ainda fazia parte do Império Britânico. A família Tolkien tinha acabado de se mudar da Inglaterra devido à promoção de seu pai, Arthur Tolkien, um bancário. Três anos mais tarde, parte da família Tolkien – sua mãe, Mabel, e seu irmão, Hilary – mudou-se para a Inglaterra, pois não haviam se adaptado à vida na África. Seu pai, preso nas atividades profissionais, continuou a residir na África do Sul e, meses depois, faleceu.

Depois da morte do pai, Tolkien foi morar no vilarejo de Sarehole, a dois quilômetros e meio de distância da cidade de Birmingham, onde passou meses morando na casa dos avós maternos (WHITE, 2013).

## INTER-LEGERE

---

### J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E IMAGINAÇÃO

Evaneide Maria de Melo  
Francyjonison Custodio do Nascimento

Birmingham era, à época, a segunda maior cidade da Inglaterra, uma verdadeira potência industrial. Na sua paisagem, destacavam-se os prédios de apartamentos e chaminés de tijolos, quintais de concreto e a fumaça das fábricas locais. Já Sarehole era um lugar tranquilo e calmo, distante do tumulto e do barulho da cidade, cercado por campos e florestas, apesar da relativa proximidade de Birmingham.

De fato, na Inglaterra do fim do século XIX e início do século XX, moradores das grandes cidades “estavam a uma distância do campo superior a uma caminhada” (HOBSBAWN, 1977, p. 294). O próprio Tolkien, já idoso, conseguia se recordar, em detalhes, desse período nesse idílio campestre inglês chamado Sarehole.

Tolkien passou ainda por outras mudanças de endereços e sempre com a presença da dicotomia campo-cidade nas suas idas e vindas à região central da Inglaterra, antes de ingressar na universidade. Em 1915, Tolkien termina seu curso de Língua e Literatura Inglesa e, em 1916, casa-se com Edith. Depois disso, ele é convidado a lutar na I Guerra Mundial. Porém, devido a uma doença, conhecida como febre das trincheiras, volta para casa antes do fim da guerra. Amigos de Tolkien também lutaram, mas, por não possuírem a patente de oficial como Tolkien, nem todos sobreviveram. A experiência da guerra, segundo White (2013), marcou o professor Tolkien profundamente.

Tolkien consegue ingressar, no ano de 1925, como professor de Anglo-Saxão na Universidade de Oxford, uma das mais conceituadas universidades do mundo e onde já estudara. Lá também fundou grupos literários, os quais foram vitais para leitura e divulgação de suas obras (WHITE, 2013).

Esses grupos literários foram, certamente, muito importantes para Tolkien e sua criação. Neles, havia a apreciação das obras de todos os participantes e consequentes críticas e revisões. Foi no mais importante deles, os Inklings – com participantes tão famosos atualmente quanto o próprio Tolkien: Charles William e C. S. Lewis –, que J. R. R. Tolkien apresentou *O Hobbit* e a trilogia *O Senhor dos Anéis*.

## INTER-LEGERE

---

J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E IMAGINAÇÃO

Evaneide Maria de Melo  
Francyjonison Custodio do Nascimento

O *Hobbit*, publicado originalmente em 1937, ganhou destaque e fez sucesso. A obra de Tolkien, então, teve repercussão mundial. Aliás,

depois que seu livro tornou-se famoso, Tolkien ficava muito feliz em declarar que era um hobbit. Seria mais uma piada, mas havia certa semelhança entre a personalidade de Tolkien e a de um hobbit típico. Na verdade, em muitos aspectos, Tolkien não era tão diferente assim de Bilbo Bolseiro. Tolkien desconfiava e, por vezes, desdenhava do século XX. Ele era uma espécie de ludita e acreditava que a ciência e a tecnologia não haviam feito nada de louvável para mudar o destino da humanidade. Resistiu a ter um carro até que se tornasse uma necessidade prática [...] (WHITE, 2013, p. 143).

O trecho acima explica o quanto Tolkien se identifica com o hobbit, o personagem principal de seu livro, e como seu contexto sociotemporal interferiu na obra e na sua concepção de mundo. Antes de seguir apresentando aspectos da vida de Tolkien, elucidase o que são os hobbits e até que ponto vai essa identificação. O próprio Tolkien os descreve na Introdução do livro *O Senhor dos Anéis*:

Os hobbits são um povo discreto, mas muito antigo, mais numeroso outrora do que é hoje em dia. Amam a paz e a tranquilidade e uma boa terra lavrada: uma região campestre bem organizada e bem cultivada era seu refúgio favorito. Hoje, como no passado, não conseguem entender ou gostar de máquinas mais complicadas que um fole de forja, um moinho de água ou um tear manual, embora sejam habilidosos com ferramentas (TOLKIEN, 2000, p. 1).

Eles, portanto, amam o verde e possuem uma aversão ao moderno, representado pelas “máquinas mais complicadas”. São essas as características que elucidam a ligação entre os hobbits e Tolkien. De fato, esse último, assim como os hobbits, não gostava da modernidade decorrente da industrialização da Inglaterra e dos inúmeros processos que tal efeito desencadeou, como a aceleração do ritmo de vida, a produção de tecnologias em larga escala, a deterioração das relações humanas, entre outros.

## INTER-LEGERE

---

J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E IMAGINAÇÃO

Evaneide Maria de Melo  
Francyjonison Custodio do Nascimento

Tolkien, aliás, chega a afirmar que sua literatura revela a condenação “de coisas progressistas como fábricas, ou das metralhadoras e bombas que parecem ser seus produtos mais naturais e inevitáveis, ousemos dizer ‘inexoráveis’” (TOLKIEN, 2006, p. 79).

No entanto, é preciso ter em mente que o mundo criado por Tolkien vai além dos hobbits, posto que tal mundo é, então, uma complexa teia de culturas, línguas, arquitetura, arquétipos e histórias de variados povos criados por sua mente, no qual tudo faz sentido. Tudo isso possui uma explicação. Para Tolkien, a criação de seus livros está inserida num contexto muito maior do que a estória narra. Ele, na verdade, designava, para esse processo de escrever contos de fadas, o termo *subcriação* (TOLKIEN, 2006).

### DEVANEIOS TOLKIENIANOS: UM PARALELO ENTRE BACHELARD E TOLKIEN

Parte-se, nesse ponto, para a compreensão de Tolkien sobre imaginação e criação e uma conseqüente relação com a teoria da imaginação de Bachelard. Para Tolkien, como visto, criação deve ser substituída pelo termo *subcriação*, o qual implica algo que possui uma conotação religiosa: apenas Deus cria; o homem *subcria*. No pensamento do escritor inglês, existem o Mundo Primário – esse mundo, o mundo real – e o Mundo Secundário, um mundo descrito na obra, *subcriado*.

Quando um autor escreve uma obra de Fantasia, “concebe um Mundo Secundário no qual nossa mente pode entrar. Dentro dele, o que ele relata é ‘verdade’: está de acordo com as leis daquele mundo” (TOLKIEN, 2006, p. 48). Assim sendo, Tolkien se enxerga como um *subcriador* e, dentro dessa estrutura, pensa que aquilo representado nos livros pode contradizer a realidade, mas está sempre ligado a ela. Trata-se da primeira concordância entre Tolkien e Bachelard, a de que a imaginação é uma deformação do real.

Desse modo, a ficção estará sempre ligada à realidade e, conseqüentemente, o espaço ficcional e suas condições sociais estão, indubitavelmente, relacionados ao espaço e aos *status quo* reais, pois “a Fantasia é feita do Mundo Primário” (TOLKIEN,

## INTER-LEGERE

---

J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E IMAGINAÇÃO

Evaneide Maria de Melo  
Francyjonison Custodio do Nascimento

2006, p. 75). Ou seja, a Fantasia é “revestida” de realidade ou, mais precisamente, a Fantasia é feita de realidade.

No entanto, tal como Bachelard (2006), Tolkien nega a imaginação – ou a Fantasia – como uma faculdade de conceber imagens. Por trás da fantasia, existe, conforme pontua Tolkien (2006), uma força independente do próprio homem e de seus propósitos e, conseqüentemente, de suas ideias. Nota-se aqui o que será discutido posteriormente: o poder de criação, já que a vontade demiúrgica transcende as ideias do autor, as quais estão enraizadas no seu inconsciente.

Há, ainda, outros fatores que sustentam essa hipótese de paralelismo entre Tolkien e Bachelard, dentre os quais estão as funções dos contos de fadas ou estórias de fadas, como Tolkien gostava de chamar. Para ele, além de uma motivação, as estórias de fadas possuíam funções, tais como: a fantasia, a recuperação, o escape e o consolo. Em *Sobre Histórias de Fadas*, ele trata de cada uma dessas funções, mas toda essa discussão não teria sentido aqui, uma vez que se discorre apenas sobre o que nos interessa nesse momento, que são o escape e o consolo. Então, discute-se, inicialmente, sobre o escape.

O escape é uma forma de fugir da realidade. Contudo, não se trata de uma simples fuga, mas de uma negação da realidade não agradável. O próprio Tolkien comenta sobre a polissemia do termo e como, na sua visão, o escapismo era visto de forma depreciativa. Dessa maneira, a maioria das pessoas que cultivava essa perspectiva estaria “confundindo, nem sempre por erro sincero, o Escape do Prisioneiro com a Fuga do Desertor” (TOLKIEN, 2006, p. 76). Na visão de Tolkien, o escape não era algo que causava alienação, mas, ao contrário disso, um mecanismo por meio do qual se pode desvencilhar de uma realidade que oprime, numa tentativa de buscar satisfação e/ou prazer. Seria, pois, a busca pela intimidade das coisas, um devaneio terrestre, como será elucidado.

Nesse sentido, Tolkien está negando a sua Inglaterra e o modo como os seus contemporâneos a enxergavam e a queriam. Para ele, a sua literatura servia para proporcionar essa fuga da Inglaterra recém-industrializada que estava inserida no

## INTER-LEGERE

---

J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E IMAGINAÇÃO

Evaneide Maria de Melo  
Francyjonison Custodio do Nascimento

contexto que ele denominava como “Era Robótica, que combina elaboração e engenhosidade de meios com feiura” (TOLKIEN, 2006, p. 77). Ele chega a exemplificar o fato de não mencionar lâmpadas elétricas produzidas em massa como um tipo de escape por “representar” uma aversão ao progresso.

Nessa perspectiva, a Literatura Fantástica de Tolkien, vista dessa forma, é considerada como uma forma de reflexão. A leitura das histórias de fadas, localizadas em outro mundo – na Terra-Média –, teria como função pensar sobre a realidade desse mundo. O leitor, então, sairia desse mundo para poder enxergá-lo melhor.

No caso de Tolkien, esse mundo é, mais precisamente, a Inglaterra, país que, no contexto da infância de Tolkien, estava passando por um processo de industrialização e urbanização latente, decorrente da Revolução Industrial.

O próprio Tolkien traça, em *Sobre Histórias de Fadas*, características de seu país que ele gostaria de negar e escapar, tais como: a) “a proximidade de fábricas robotizadas de produção em massa”; b) “o rugido do tráfego mecânico auto-obstruidor”; e c) a constatação da “forma como os homens vivem e trabalham no século XX está crescendo em barbárie a uma taxa alarmante” (TOLKIEN, 2006, p. 78).

Todas essas características próprias da “cruza e da feiura da vida europeia moderna” (TOLKIEN, 2006, p. 78) indicam como o subcriador da Terra-Média sentia uma aversão à Inglaterra que “surgiu” depois da Revolução Industrial e a qual ele vivenciou na cidade de Birmingham.

Além do escape, o consolo é outra função das histórias de fadas que nos permite compreender o pensamento de Tolkien e sua obra. O consolo pode ser entendido como vislumbre de dias melhores, o cultivo de uma esperança diante das dificuldades vividas. Em outras palavras, trata-se da espera pelo famoso “final feliz” de toda história. Para Tolkien (2006), toda história de fadas precisa desse elemento, o qual seria, portanto, parte da essência de toda narrativa fantástica. O filólogo inglês, aliás, cunha um termo para essa esperança, calcada na alegria: a eucatástrofe.



## INTER-LEGERE

---

J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E  
IMAGINAÇÃO

Evaneide Maria de Melo  
Francyjonison Custodio do Nascimento

A eucatástrofe seria, então, “a alegria do final feliz”, uma “repentina ‘virada’ jubilosa”, “uma graça repentina e milagrosa” (TOLKIEN, 2006, p. 85). Com esse termo, Tolkien elucida a sua crença numa mudança de realidade, o que não se trata de mudança qualquer, mas de uma transformação de algo horrendo em uma realidade apreciável. Contudo, essa eucatástrofe, a qual Tolkien toma como crucial em suas obras, “não é essencialmente ‘escapista’ nem ‘fugitiva’” (TOLKIEN, 2006, p. 85), tendo em vista que ela não nega a possibilidade da existência do fracasso, do pesar ou da insatisfação; o que ela nega é uma derrota final universal.

Pode-se considerar, então, a literatura de Tolkien como uma literatura que retrata a insatisfação com o mundo vivido pelo próprio autor – seus lugares e seu *status quo*. Nesse sentido, ele desvela, em suas obras, o que seria uma realidade opressora que não traz alegria alguma: a Inglaterra não bucólica.

Contudo, a capacidade intelectual de Tolkien não impede o sonho noturno. Pelo contrário, sua reflexão e seu devaneio unem-se no momento da imaginação criadora, a qual irá interagir com a matéria, elucidando-se, portanto, uma imaginação material. Esse devaneio material precede a contemplação.

Essa relação entre a imaginação material e a ideia de criação – ou subcriação – de Tolkien se evidencia, de forma mais clara, quando trata acerca do desejo de manejo no início da criação poética:

A mente que imaginou leve, pesado, cinzento, amarelo, imóvel, veloz também concebeu a magia que tornaria as coisas pesadas leves e capazes de voar, transformaria o chumbo cinzento em ouro amarelo e a rocha imóvel em água veloz. Se era capaz de fazer uma coisa, podia fazer a outra, e inevitavelmente fez ambas. Quando podemos abstrair o verde da grama, o azul do céu e o vermelho do sangue, já temos o poder de um encantador em um determinado plano, e o desejo de manejar esse poder no mundo externo vem a nossa mente. [...]. Assim, um poder essencial do Belo Reino é o de tornar as visões da “fantasia” imediatamente efetivas através da vontade (TOLKIEN, 2006, p. 31).

## INTER-LEGERE

---

J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E IMAGINAÇÃO

Evaneide Maria de Melo  
Francyjonison Custodio do Nascimento

Todos esses elementos conduzem para um pensamento comum: escrever uma estória de fadas é ter a mão demiúrgica, possuir a necessidade de agir sobre a matéria.

Tolkien, portanto, faz uso da imaginação, que se encontra, implicitamente, ligada ao *real*, como já demonstrado anteriormente. Ele, então, escreveu acerca da realidade que o circundava, do mundo que testemunhou. Ao passo que esse *real* é assentado em elementos materiais, nota-se aqui uma imaginação material.

Antes de qualquer discussão sobre a imaginação material, urge explicitar a filosófica epistemológica de Bachelard. Ele toma por empréstimo de Carl Jung alguns conceitos. São inúmeras as apropriações dos matizes junguianos por parte de Bachelard: desde as leituras em *animus* e *anima*, passando pela ideia de conceitos e imagem, até os quatro elementos materiais como arquétipos do universo poético e consequente ordenação destes para a imaginação criadora (BACHELARD, 2006).

Para ele, há dois tipos de imaginação, a formal e a material, ambas indispensáveis para o estudo acerca da criação poética. A primeira, “para além das seduções da imaginação das formas, vai pensar a matéria, sonhar a matéria, viver na matéria, ou então – o que dá no mesmo – materializar o imaginário” (BACHELARD, 1997, p. 14), enquanto a segunda é fruto de uma operação desmaterializadora, reprodutora.

A imaginação formal faz do homem um espectador do mundo. Não importa o quão privilegiada seja a sua vista, a imaginação formal instrumentaliza para a simples observação. A imaginação material, pelo contrário, faz do homem um demiurgo, uma vez que requer a intervenção do homem, tornando agente de uma ação ativa e modificadora. Ela, portanto,

nega o mundo enquanto mero espetáculo e faz dele a sua provocação. A matéria oferece resistências, enquanto a mão humana luta e supera os obstáculos. Há implícita na poética bachelardiana uma defesa constante do trabalho, caracterizado especialmente pela maravilha anatômica que vem a ser a mão humana (SIMÕES, 1999, p. 85).

## INTER-LEGERE

---

J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E IMAGINAÇÃO

Evaneide Maria de Melo  
Francyjonison Custodio do Nascimento

A imaginação material, ainda, contém uma crítica à hegemonia da percepção – sobretudo a visual –, ao *vício de ocularidade*. A imaginação material, indo de encontro a esse vício, não depende da visão, mas, ao contrário, é resultante do trabalho direto da mão humana sobre a matéria das coisas (SIMÕES, 1999). Há, pois, uma clara distinção entre a imaginação formal enquanto simples registro passivo de experiência e a imaginação material que, aliada à vontade, é poder e criação. Contudo, a experiência não somente vem depois do devaneio, mas o prova e lhe dá fundamentos.

Assim, para a concretização da imaginação material, é preciso

vencer e superar a reprodução, as aparências e as superfícies, acentuando as ambivalências, os conflitos e os dinamismos. Daí o verdadeiro domínio para estudar a imaginação não ser a pintura, mas a obra literária, ou mais especificamente a palavra e a frase poética, onde se percebe como a forma é pouco importante e a matéria é fundamental (SIMÕES, 1999, p. 16).

Há, nesse ponto, uma similaridade entre o pensamento bachelardiano e o de Tolkien. Este último também critica aqueles que pensam a criação como mera reprodução do real. Tolkien demonstra sua aversão e indiferença para com o simbolismo. No prefácio do primeiro volume da trilogia *O Senhor dos Anéis*, o filólogo inglês afirmou essa indiferença:

Mas eu cordialmente desgosto de alegorias em todas as suas manifestações, e sempre foi assim desde que me tornei adulto e perspicaz o suficiente para detectar sua presença. [...] Acho que muitos confundem “aplicabilidade” com “alegoria”; mas a primeira reside na liberdade do leitor, e a segunda na dominação proposital do autor (TOLKIEN, 2000, p. 13).

Tolkien diferencia alegoria de aplicabilidade. Enquanto nega a primeira, assume a segunda em suas obras. Dessa forma, ele não nega a relação realidade-fantasia, mas sim uma simples transferência da realidade para a fantasia, do mundo primário para o mundo secundário, negando, portanto, o vício do ocularidade e assumindo a imaginação material.

## INTER-LEGERE

---

J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E  
IMAGINAÇÃO

Evaneide Maria de Melo  
Francyjonison Custodio do Nascimento

Nota-se, com o auxílio de Simões (1999), a estreita ligação entre a imaginação material e as obras literárias, tendo em vista que há uma primazia da literatura nas ideias de Bachelard. Não é à toa que ele pontua: “Posso apenas conhecer o homem através da leitura, maravilhosa leitura, que me permite julgar o homem pelo que ele escreve” (BACHELARD, 1997, p. 11).

Essa ligação deve-se ao prolongamento da atividade criadora na alma do leitor. A literatura *bem sonhada* permite, assim, que uma imagem sonhada pelo autor se transmude em outras ao serem suscitadas pela alma do leitor. Advêm desse aspecto as noções de ressonância e repercussão. Essas últimas ocorrem quando

o maravilhamento proporcionado por uma imagem poética potencializa, na unidade do ser maravilhado, o aprofundamento de sua própria existência, gerando a repercussão. Esse aprofundamento, incognoscível em sua integridade, leva o devaneador ao desejo e à alegria múltipla de falar, atingindo, desse modo, as ressonâncias (FRONCKOWIAK; RICHTER, 2005, p. 2).

Nessa perspectiva, urge esclarecer o que, para Bachelard, se trata de imagens literárias/poéticas. Elas não são meras repetições, já que possuem um sentido original, remetendo-se sempre a um teor onírico inédito, pois “uma imagem literária diz o que nunca será imaginado duas vezes” (BACHELARD, 2001, p. 5). Desse modo, as imagens, continua Bachelard (2001), não são reproduções da realidade, mas, pelo contrário, sublimações dos arquétipos.

Para Tolkien, a literatura, também, possui um lugar privilegiado na imaginação, visto que “a Fantasia é algo que deve ser deixado a cargo das palavras, da verdadeira literatura” (TOLKIEN, 2006, p. 63). A obra de Tolkien, desse modo, possui imagens literárias, uma vez que inaugura uma nova forma de sentir a vida e a relação homem-mundo na Inglaterra recém-industrializada. Tolkien, portanto, sonhava um espaço diferente daquele que era estabelecido pelos desdobramentos da Revolução Industrial.

## INTER-LEGERE

---

J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E IMAGINAÇÃO

Evaneide Maria de Melo  
Francyjonison Custodio do Nascimento

Valendo-se, mesmo que inconscientemente, da “máxima” bachelardiana que anunciava a verdadeira poesia com a função de despertar, Tolkien, em sua obra, suscitava o despertar. Para Tolkien, como já elucidado, esse despertar possui um outro nome: escape. A obra tolkieniana, portanto, é poesia ou, para usar a expressão de Bachelard, devaneio poético.

Assim sendo, reconhece-se, nela, a presença das quatro raízes de todas as coisas, preconizadas por Empédocles: o fogo, o ar, a água e a terra. Dessas raízes, elementos da física pré-socrática, Bachelard faz substâncias que alimentam a imaginação material. Dessa forma, ele desenvolve uma teoria da imaginação baseada nos quatro elementos.

Essa teoria, ancorada nos já citados pressupostos da cosmologia primitiva, considera que os sonhos e os devaneios são regidos por uma matéria, a imaginação é somente apreendida pelo signo dos quatro elementos. Trata-se de “uma lei dos quatro elementos, que classifica as diversas imaginações materiais conforme elas se associam ao fogo, ao ar, a terra ou à água” (BACHELARD, 1997, p. 4).

Desse modo, cada autor se filia a um ou mais elementos, entretanto se privilegia apenas um deles. Cada elemento, por sua vez, possui uma dupla ação, toda imagem se desenvolve em dois polos (BACHELARD, 2001). O mesmo elemento pode estimular poéticas diferentes. A água, por exemplo, associa-se, por um lado, à pureza e à tranquilidade e, por outro lado, às águas violentas e escuras, a uma vida turbulenta. Nota-se aqui novamente como a matéria possui a primazia e controla a forma na visão bachelardiana de imaginação.

Voltando aos elementos, elucidam-se, de maneira breve, os quatro elementos e o modo como cada um deles é, dinamicamente, *causador* da imaginação. Já foi comentado, de forma superficial, sobre a água. Além da dupla polarização da água, pode-se acrescentar que esse elemento fundamenta o psiquismo hidrante. Ele é transitório e a cada instante algo de sua substância se esvai e, portanto, morre. Esse é o motivo pelo qual se associa a poética da água à poética da morte elucidada pelo Complexo de

## INTER-LEGERE

---

J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E  
IMAGINAÇÃO

Evaneide Maria de Melo  
Francyjonison Custodio do Nascimento

Caronte – as águas como símbolo da nossa última viagem, a morte marcada pelo horror – e pelo Complexo de Ofélia – a água como elemento da morte jovem e bela, desejada.

O fogo, por sua vez, é o elemento que mais demonstra a ambivalência. Ele é, ao mesmo tempo, agente da pureza e da impureza, concupiscente e casto e, entre outros aspectos, criador e destruidor. Ademais, sugere mudança de substância, sendo o elemento da transmutação radical. É dinamizado por inúmeros complexos, dos quais se destacam o de Empédocles e o de Novalis, que interagem entre si.

Quando se debruça sobre o elemento ar, pensam-se, ou melhor, imaginam-se a liberdade e a leveza. Assim como os outros elementos, o ar dialetiza o entusiasmo e a angústia. O primeiro quer ultrapassar e o segundo tende a reprimir. No psiquismo do ser aéreo, “a imaginação do ar se desdobra verticalmente, na complementariedade das imagens do *ascensus* e do *descensus*” (FARIA, 2009, p. 5).

No que se refere ao elemento terra, nota-se que ele é comandado por uma polarização: a introversão e a extroversão. Concernente a essas, está a ambivalência trabalho e repouso. O elemento terrestre revela a dupla faceta de uma matéria que se manifesta, concomitantemente, amistosa, acolhendo em suas entranhas, e hostil, contrariando o esforço humano.

Essa primeira faceta reside nos princípios da imagem em ação nos três reinos: mineral, vegetal e animal (BACHELARD, 2001). Essas imagens são elaboradas no onirismo ativo, isto é, nos devaneios do trabalho. Este último, por sua vez, fascina e abre perspectiva à vontade. Esse elemento está vinculado à vontade de trabalhar, modificar. É, portanto, uma imaginação ativista e invoca a resistência contra a dureza, a hostilidade da terra, sempre constante e imediata (BACHELAD, 2003).

Contudo, as imagens terrestres “não têm somente essa marca de hostilidade; tem também aspectos acolhedores, aspectos convidativos” (BACHELAD, 2003, p. 2). Trata-se da revelação da ambivalência supracitada. Além da imaginação ativista, há a imaginação

## INTER-LEGERE

---

J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E  
IMAGINAÇÃO

Evaneide Maria de Melo  
Francyjonison Custodio do Nascimento

do repouso, um repouso enraizado. O elemento terrestre invoca no sonhador o devaneio involutivo, o desejo do sossego nos repousos primitivos.

Elucidando os devaneios do repouso, Bachelard (2003) atribui a terra o caráter da intimidade. Junto com essa atribuição, ele apresenta algumas imagens, tais como a casa, a gruta, o labirinto, a serpente, o ventre e o complexo de Jonas, as quais são as grandes imagens do repouso, da intimidade.

Pressupõe-se que a obra tolkieniana, por ser fruto de imaginação material, possui todas essas características supracitadas. Contudo, encontrar as imagens poéticas e a filiação de Tolkien a esses elementos não é, por exiguidade de espaço, o propósito deste trabalho.

No entanto, além dessa imaginação material, pode-se encontrar uma outra, desvelando a androgenia de Tolkien. Ele não se comporta, como demonstrado anteriormente, enquanto um subcriador. Ao contrário, ele assume o papel de tradutor, nada surpreendente, tratando-se de um filólogo.

Para Tolkien, sua obra não é fruto apenas de uma imaginação, mas de uma tradução. A sua literatura é fruto de estudo e da tradução de antigos textos perdidos no tempo. Assim, a filologia – a ciência – teria um papel primordial na construção da obra. Tolkien inventou uma série de línguas e, delas, fez uma tradução. Essa é apenas uma parcela do Mundo Secundário.

Constatam-se essas características nos principais livros de Tolkien: *O Senhor dos Anéis* e *O Hobbit*. No primeiro, há inscrições e uma tradução, sendo que esta última revela que a obra em questão foi traduzida “do Livro Vermelho do Marco Ocidental. Aqui está contada a história da Guerra do Anel e o retorno do Rei conforme vista pelos hobbits” (TOLKIEN, 2000, p. 1). Tradução e criação andam juntas; ciência e imaginação são, pois, inseparáveis para Tolkien.

## INTER-LEGERE

---

J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E IMAGINAÇÃO

Evaneide Maria de Melo  
Francyjonison Custodio do Nascimento

Vislumbra-se, portanto, como a obra tolkieniana é andrógena, fruto da imaginação, mas que pressupõe uma ciência, a filologia. Para Tolkien, o homem noturno não se separa do homem diurno.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tolkien revela-se como o homem das vinte e quatro horas, primeiramente, porque é aquele que sonha, que possui um sono onírico. Ele tem o desejo de agir sobre a matéria, como revelado nos desdobramentos de seus conceitos de consolo, escape e eucatástrofe. No homem noturno, ele sonha as palavras.

Ao mesmo tempo, ele é aquele que pensa cientificamente. No seu caso, filologicamente. Ele é o homem diurno, aquele que pensa as palavras, conceitos e o próprio processo de criação. Pensar as palavras é a atitude do homem que age em *animus*.

Tendo feito esses breves apontamentos entre as ideias de Bachelard e as de Tolkien, este artigo se revela como um pontapé inicial para futuros trabalhos. Inúmeras perguntas desencadeiam daqui. Como fruto de imaginação material, como pensar a obra tolkieniana? A que elementos ela está filiada? Que campos de estudos podem abordar esse paralelismo aqui apresentado?

Sendo este artigo uma construção de uma problemática no sentido bachelardiano, ele se mostrou frutuoso, uma vez que, “inacabado” e propiciador de dúvidas referentes ao objeto escolhido, provoca reflexão e nunca um obstáculo epistemológico.

### REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



## INTER-LEGERE

---

J. R. R. TOLKIEN, O HOMEM DAS VINTE E QUATRO HORAS: CIÊNCIA E  
IMAGINAÇÃO

Evaneide Maria de Melo  
Francyjonison Custodio do Nascimento

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FARIA, Maria Lucia Guimarães. Bachelard e a imaginação material e dinâmica. **Revista Litteris**, v. 3, p. 3, 2009.

FRONCKOWIAK, Ângela; RICHTER, Sandra. A dimensão poética da aprendizagem na infância. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 91-104, jan./jul. 2005.

HOBBSAWN, Eric. **A era do capital** (1848-1975). 13. ed. Paz e Terra: São Paulo, 1977.

HOBBSAWN, Eric. **Da revolução industrial inglesa ao imperialismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2003

SANT'ANNA, Catarina. **Para ler Gaston Bachelard**: ciência e arte. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2010.

SIMÕES, Reinério L. M. **Imaginação material segundo Gaston Bachelard**. 1999. Dissertação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis**: a Sociedade do Anel. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TOLKIEN, J. R. R. **Sobre histórias de fadas**. Tradução de Ronald Eduard Kyrmse. São Paulo: Conrad Livros, 2006.

WHITE, Michael. **J. R. R. Tolkien**: o senhor da Fantasia. Tradução de Bruno Dorigatti. Rio de Janeiro: Dark Side Books, 2013.